

# **O INICIO DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO EM UBERLÂNDIA: Uma análise das primeiras indústrias até o Estado Novo**

**Fernando Campos Mesquita – UFU**  
Geógrafo graduado pela Universidade Federal de Uberlândia  
fercames@gmail.com

**Sylvio Luiz Andreozzi – UFU**  
Professor doutor pela Universidade Federal de Uberlândia  
andreozzi@ufu.br

## **Resumo**

O início do processo de industrialização em Uberlândia representa um ponto fundamental para a compreensão de como essa cidade se desenvolveu economicamente. Nesse sentido, periodizamos a abordagem da vinda das primeiras indústrias até o Estado Novo, momento ao qual representa um dos pontos mais importantes para o crescimento industrial dessa cidade. A localização de Uberlândia no interior do território brasileiro tornou difícil a essa cidade participar ativamente desse processo como centro industrial importante antes da segunda metade do século XX, quando o país entraria na fase de incentivo com o capital estrangeiro e desconcentração na localização das indústrias. No entanto, a indústria e a organização do espaço presentes na formação dessa cidade foram um dos fatores mais importantes para a cidade garantir um centro de atratividade para a indústria, bem como uma das mais importantes cidades industrializadas no interior do território nacional

**Palavras-Chave:** História da Indústria; Desenvolvimento Econômico; Uberlândia.

## **THE BEGINNING OF THE INDUSTRIALIZATION PROCESS IN UBERLÂNDIA: An analysis of the first industries until the “Estado Novo”**

### **Abstract**

The beginning of the industrialization process in Uberlândia represent a basic point to understanding the comprehension about how this city become a development place. In this sense, we restrict the subject for the growth of the first industries until de “Estado Novo” moment which represent one of the most important periods for the industrial growth in this city.

The location of Uberlândia in the interior of the Brazilian territory become difficult for this city to participate of this process like a important industrial center before the second half of the 20<sup>th</sup> century, when the country would enter in the phase of incentive with the foreign capital and a decentralized locations of the industries. However, the industry and the organization of the space presents in the formation of this city had been one of the most important factors to become this city an attractive point for the industries, as well as one of the most important industrialized cities in the interior of the Brazilian territory.

**Key Words:** The history of industry; Economic Development; Uberlândia

## **Introdução**

Analisa-se nesse artigo a situação de Uberlândia e a sua relação com a política nacional de desenvolvimento no início do processo de industrialização brasileiro, destacando como essa cidade reagiu ao processo de industrialização antes e depois da consolidação do Estado Novo no país a partir dos anos de 1930.

Esse período foi fundamental para a estruturação da cidade inserindo-se no capitalismo industrial anterior a outros municípios da região, motivo que lhe permitiu aproveitar os momentos de euforia econômica vindos na segunda metade do século XX, em especial com o Plano de Metas e a política de desconcentração da atividade industrial.

Considerando a divisão histórica estabelecida para diferenciar o processo de industrialização brasileiro em três fases distintas, onde há uma primeira anterior ao golpe de 1930, outra até o fim do estado getulista, bem como uma terceira, na qual o capital estrangeiro passa a participar desse diretamente desse processo. Assim, esse artigo se limita a compreensão do desempenho da indústria e da sua influência no espaço urbano, nas duas primeiras fases da indústria no país.

Desse modo, é necessário abordar as particularidades na produção do espaço nessa cidade, definida, entre outros fatores, pela sua localização geográfica, em uma região que estabelece um elo entre três grandes centros econômicos e políticos do país, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, o que faz com que Uberlândia tenha se tornado um ponto estratégico para o escoamento da produção industrial no decorrer do crescimento industrial brasileiro. Esse potencial também é refletido na evolução do centro atacadista e de varejo que apresentam grande destaque na economia do município.

A proximidade econômica com o Estado de São Paulo, que garante a Uberlândia uma diferente perspectiva na medida em que a influência deste centro industrial é maior inclusive que da capital Belo Horizonte, fato fundamental ao se levar em conta a nova divisão do trabalho, que de acordo com Santos (1993, p.90) privilegia “a cidade de São Paulo, a respectiva Região Metropolitana e seu entorno, onde a acumulação de atividades intelectuais ligadas à nova modernidade assegura a possibilidade de numerosas atividades produtivas de ponta...”.

Desse modo, desde o início do processo de industrialização brasileira o potencial locacional para o desempenho favorável da indústria já era visto como estratégico, sendo explorado por estabelecimentos industriais desde a sua formação, constituindo-se inicialmente em um centro econômico na região do Triângulo Mineiro, passando depois a adquirir significativos empreendimentos no contexto nacional.

### **Objetivos**

- Demonstrar a importância da compreensão histórica de uma cidade para caracterizar como se estabeleceu o processo de inserção no capitalismo industrial no decorrer de sua formação.
- Analisar o posicionamento de uma cidade no interior do território nacional no período em que a economia se concentrava principalmente na cidade de São Paulo.
- Demonstrar a atuação de membros da elite econômica e política na organização espacial para o crescimento da indústria e as desigualdades sociais que iriam se estabelecendo com essa organização.
- Abordar a história do processo de industrialização em Uberlândia, bem como a sua interferência no espaço urbano, ao qual preparou a cidade para a dinâmica industrial em períodos posteriores.

### **A ocupação do Triângulo Mineiro**

De acordo com Soares (1995, p.44), o Triângulo Mineiro teve uma ocupação distinta de outras regiões e uma história específica, que foi responsável pela formação de uma sociedade

com determinado modo de produzir e com uma intensa representatividade política, sem se contrapor ao processo de desenvolvimento do país, criou e preservou uma identidade social e econômica, que se encontra materializada em diversas partes de seu território, reforçada por uma intensa prática regionalista.

Estima-se que a primeira entrada nessas terras, pelos colonizadores, ocorreu no final do século XVI. Porém, a colonização efetiva dessa parte do território mineiro se realizou com as descobertas de ouro no interior do território nacional, principalmente em Minas Gerais, mas também no Mato Grosso e posteriormente em Goiás, que embora menos significativos

em relação ao nível da produção nacional, foram importantes para o Triângulo por fazer com que este fosse se tornando gradativamente, como afirma Brandão (1989, p.17), um “ponto obrigatório na rota de acesso ao Planalto Central.”

Depois desse impulso inicial, com a grande queda na intensidade com que se explorava o ouro em Minas Gerais no final do século XVIII, houve um grande retrocesso nas regiões que dependiam diretamente das minas, o que não ocorreu de forma geral no território mineiro devido a outras regiões que foram desenvolvendo atividades auto-sustentáveis para atender o grande crescimento demográfico que veio junto com a exploração das minas. Como destaca Fausto (2007, p.106)

o retrocesso não atingiu toda a Capitania de Minas Gerais. Nela nem tudo era mineração. Mesmo nos tempos de glória do ouro, a fazenda mineira muitas vezes combinava a pecuária, o engenho de açúcar, a produção de farinha com a lavra do ouro. Graças a pecuária, aos cereais e mais tarde à manufatura, Minas não regrediu como um todo. Pelo contrário, no correr do século XIX iria expandir essas atividades e manter um constante fluxo de importação de escravos.

O Triângulo Mineiro pelo seu potencial agropecuário foi uma das províncias que não sofreu com essa regressão e conseqüentemente uma das principais regiões a atender à população “desempregada” pelo fim do Ciclo do Ouro, aumentando consideravelmente sua demografia, com essa nova demanda populacional que viria com o intuito de estabelecer sua residência e local de trabalho, como afirma Prado Jr. (apud BRANDÃO, 1989, p.20): “A origem dos povoadores da região é Minas Gerais, mais densamente ocupada por efeito da intensa mineração do século XVIII, agora praticamente extinta. Na sua marcha para Sudeste, os mineiros ocuparam primeiro o chamado Triângulo Mineiro”.

Essa questão mostra a importância de investimentos no território para poder alcançar uma hegemonia, e não depender exclusivamente dos recursos oferecidos pela natureza. Este é um ponto fundamental para a compreensão do trabalho.

Antes da colonização o Triângulo Mineiro encontrava-se ocupado por inúmeras tribos indígenas, além de diversos quilombos que ofereceram resistência a essa ocupação, porém várias expedições foram feitas para garantir o domínio da região. Com a dominação desse território foi se constituindo uma infra-estrutura inicial que viria a possibilitar um desenvolvimento regional principalmente com a “entrada na circulação mercantil, devido ao aumento de segurança das estradas rumo ao Centro Oeste, pois os índios dominados foram sendo alojados, como protetores, ao longo da Picada de Goiás”. Estrada essa construída por

Bartolomeu Bueno Filho para ligar a São Paulo ao interior de Goiás, chegando até, onde hoje é denominada, a cidade de Goiás Velho. Como afirma Brandão (1989, p.23)

Esta “Primeira Ocupação” da região foi se processando de forma circunstancial, ao sabor da disponibilidade e da qualidade dos recursos naturais. Assim, as primeiras sesmarias foram sendo distribuídas e novas aglomerações populacionais foram surgindo nas proximidades das terras de melhor qualidade e mais facilmente irrigáveis, ou seja, na margem dos rios.

Esse novo contingente populacional estabelecido na região viria a garantir, no final do Século XIX, a sua entrada na economia nacional. O que foi determinando principalmente pela ligação, por meio de ferrovias, do Triângulo Mineiro com São Paulo realizada pela “Companhia Mogina de Estradas de Ferro”. O que, de acordo com Soares (1995, p.52), possibilitou aos mineiros:

fornecer cereais principalmente o milho, para São Paulo, estabelecendo-se, assim, uma divisão inter-regional do trabalho, na qual essa região se especializaria na produção e comercialização de alimentos, além de assumir o papel de centro de convergência da comercialização entre Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Essa questão é importante por mostrar o potencial que o Triângulo já apresentava no início de sua entrada na economia nacional, pois exercia um papel importante, devido a sua localização geográfica, de estabelecer a ligação de São Paulo com outras regiões do interior brasileiro, garantindo assim a grande possibilidade de se criar na região, um importante centro urbano que se beneficiaria dessa situação.

Pode-se considerar que a proximidade com São Paulo foi um dos motivos mais importantes que possibilitou tanto a integração, como o desenvolvimento econômico do Triângulo Mineiro. Localizar-se próximo dessa região que viria a se torna a metrópole nacional, garantiu uma serie de ligações e um jogo de interesses políticos e mercadológicos que viria a favorecer ambos os lados, como mostra Santos (1993, p. 90) as “Atividades modernas presentes em diversos pontos do País necessitam de se apoiar em São Paulo para um número crescente de tarefas.”

Lopes (*apud* Brandão, 1989, p.106) mostra o quão importante foi São Paulo para a economia do Triângulo:

Sem receio de erro deve-se dizer que o mercado de destino de todas as produções do Triângulo é a cidade de São Paulo, e quem disso duvidar, consulte as empresas de transporte. Como praças intermediárias a

preferência é dada ao ponto mais próximo do produtor ou à ligação mais adequada.

Como destaca Brandão (1989) algumas características estabelecidas nessa parte do país foram fundamentais para o desenvolvimento da região, como: o solo e clima, a ausência de resistências culturais; assim como, a existência de uma força de trabalho familiar. Ajudando à formação de um espaço interessante para a economia nacional.

Esse potencial viria a ser a garantia para um o crescimento de um núcleo econômico regional, que estava mais propício para Uberaba, porém foi Uberlândia que adquiriu essa função, devido a dois importantes motivos, como mostra Brandão (1989, p.106) ao explicar a situação de Uberaba:

Dois golpes já haviam sido desferidos contra sua pujança econômica e seus reflexos não tardariam a colocar em xeque aquela posição de principal entreposto comercial do Brasil Central: a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste em Mato Grosso (1911) que fez com que os comerciantes uberabenses perdessem aquela importante área, pois não mais intermediariam suas transações com São Paulo; e a construção de estradas de rodagem por todo o Triângulo e parte sul de Goiás (junto com a construção da ponte Afonso Pena sobre o Rio Paranaíba) pouco a pouco foi transferindo o poderio para Uberlândia (sede da Companhia Mineira de Auto Viação inter-Municipal), que apostou no “sucesso rodoviário”

Dessa forma a cidade de Uberlândia começou a assumir a posição da hegemonia comercial no Triângulo Mineiro, começando a atrair o interesse de empresários e de outras partes do país que poderia vir para a cidade com o intuito de acumular capital, passando a criar no espaço urbano uma condição mais apropriada para atrair capital.

### **Criação da infra-estrutura básica na cidade de Uberlândia para atender aos interesses econômicos: o início da industrialização**

Para ocorrer o desenvolvimento industrial é necessário uma infra-estrutura que garanta, de maneira satisfatória, um sistema de fornecimento de energia, transporte e comunicação. Fazendo com que as cidades precisem buscar meios de transformar o espaço urbano para atrair um maior número de indústrias e conseqüentemente tornar possível o crescimento econômico da região.

Na cidade de Uberlândia algumas dessas condições para a proliferação da economia em seu território são criadas com a instalação em 1909 de uma usina hidroelétrica e em 1912

de “uma estrada de rodagem no sertão, quando o automóvel estava chegando ao país”. (SOARES, 1988, p.16)

Graças a articulação desses fatores, se estabeleceram condições para a acumulação e a reprodução do capital, e a cidade começaram a se desenvolver transformando-se num espaço de circulação de mercadorias entre o Triângulo Mineiro, São Paulo, Mato Grosso e Goiás. (SOARES, 1988, p.17)

Em relação às questões necessárias para o desempenho favorável da economia, a energia era o que mais preocupava, porém a própria elite econômica regional procurou, por iniciativa própria, solucionar esses problemas. Assim, Brandão (1989, p. 99) afirma que

Uberlândia também organizou sua empresa de eletricidade, sob a forma de Sociedade Anônima, com um capital inicial de 300 mil réis, ofertando 1.400 HP que iluminavam 800 residências e forneciam iluminação pública (utilizando cerca de 400 lâmpadas) e energia para movimentar as máquinas industriais.

A disponibilidade de energia é questão fundamental para o desenvolvimento econômico, foi de grande importância para o início da industrialização, pois:

A inauguração dos serviços de eletricidade, com o fornecimento de energia para o desenvolvimento das indústrias, abriu incontestavelmente, para esta cidade, uma nova era de atividade. A pouco e pouco foram se fundando pequenas fábricas, máquinas de beneficiar arroz, algodão, serrarias etc. de maneira que Uberlândia conta hoje (1910) cerca de 20 estabelecimentos industriais movidos a eletricidade. (PEZZUTTI, 1922 *apud* BRANDÃO, 1989)

Quanto às comunicações, Uberlândia contava com a “Empresa Telefônica Teixeira”, criada em 1919, essa empresa que viria a se tornar a CTBC do Grupo Algar. E que no ano de 1922 essa empresa atendia com 255 aparelhos.

Dessa forma a cidade passou a conceber um centro comercial que beneficiado por essas questões passou a se desenvolver, mas como aponta Brandão, não teria conseguido se desenvolver se não fosse o desenvolvimento do sistema rodoviário, pois Uberlândia se localizava “no “meio do caminho” das rotas de mercadorias (sua estação ficava entre Uberaba e Araguari)”. “Por isso quanto mais avançarmos na “era rodoviária” mais sentiremos o domínio de Uberlândia como grande pólo de redistribuição de mercadorias.” (BRANDÃO, 1989, p.102)

Esse sistema rodoviário se desenvolveu graças à ação de agentes internos da cidade, como demonstra Soares (1995, p.58):

nesse processo, é preciso destacar o papel exercido pelos comerciantes locais, pelos motoristas de caminhão, conhecidos, então, como chauffeurs, e pelas transportadoras de cargas, que diversificaram a atividade comercial da cidade, a partir dos anos 30, devido à intensificação das relações entre os Estados de Mato Grosso e Goiás.

A questão dos transportes é fundamental para o crescimento econômico de uma cidade, pois à medida que quanto maior for a distância ou a dificuldade de escoamento da produção, maior vai ser o valor do produto final e menos competitiva a indústria vai se tornando dentro da economia nacional. Como aponta Carlos (1997, p.39):

A circulação está inserida no processo de produção, pois implica custos e exige sobretrabalho. É um momento do processo imediato de produção, pois seu valor recai sobre ela, incidindo sobre o preço final do produto. Assim é necessário buscar preços baixos de transporte. O produto só pode ser escoado maciçamente em mercados longínquos se os custos de transporte forem baixos. Tanto este quanto os meios de comunicação tornam-se simples esferas da valorização de um trabalho explorado pelo capital. Todo trabalho exigido para jogar na circulação o produto acabado constitui, do ponto de vista do capital, uma barreira a superar.

O avanço da rede rodoviária foi um dos mais importantes fatores que fizeram com que Uberlândia pudesse interagir mais com o importante mercado de São Paulo.

A importação se faz das praças de S. Paulo e Rio, sendo grande parte das mercadorias importadas distribuídas por Uberlândia. Uberlândia goza, no momento, desse grande privilégio de ser, no Triângulo, a praça distribuidora e re-exportadora dos artigos de consumo; para isto certamente muito contribuiu a rede rodoviária da antiga Companhia Mineira, encapada e conservada pelo Governo do Estado. (LOPES *apud* BRANDÃO, p.106)

De acordo com Soares (1988, p.17) ao destacar a respeito do início da industrialização mostra que “As primeiras indústrias aqui instaladas eram voltadas, para a transformação de produtos agropecuários e se constituíam em unidades de beneficiamento de arroz, ‘fábrica de banha’, curtumes, fábricas de móveis e calçados, cerâmica, dentre outras.”

Surgindo assim um número cada vez maior de pequenas indústrias, responsáveis por aumentar a população pela “migração de pessoas à procura de empregos.” Nesse início grande parte da produção industrial era voltada para a produção rural, como “oficinas de ferreiro, olarias, serraria, engenho de cana”.

As primeiras indústrias agrícolas entraram em atividade: carpintaria, tenda do ferreiro, engenhos de cana, munjolo, a roca e o tear, as fiandeiras fabricando os tecidos de lã e algodão, para a indumentária de uso. A tenda do ferreiro foi a indústria pioneira e a que mais benefício prestou ao povo da região. Naquela “Tenda” foram fabricados os principais instrumentos para trabalho agrícola: ferragens para carros, facas, faces, machados e outros de uso doméstico. (ARANTES, 1972 *apud* SOARES, 1988, p.25)

Essa situação na década de 1920 faz com que Uberlândia adquira uma dinâmica mais próxima de uma economia capitalista em expansão, como destaca Soares (1988, p.28) “O crescimento populacional impôs-lhe novas necessidades, caracterizadas, principalmente, pela incorporação de áreas agrícolas ao sítio urbano e a intensa construção de moradias.”

Esse novo crescimento demográfico aumentava o mercado consumidor interno o que exigia das indústrias locais uma maior produção para atender a demanda, e essa por sua vez precisava da infra-estrutura para poder aumentar a produção.

A tabela 1 demonstra a situação dessa infra-estrutura no ano de 1920, onde pode-se ver que Uberlândia ainda tinha muito mais características de uma pequena vila comercial do que de um provável centro da indústria.

Tabela 1 – Infra-Estrutura Urbana na cidade de Uberlândia em 1920

População do Município	22.956
População Sede	6.912
Focos de Iluminação Pública	202
Casas Iluminadas	189
Aparelho de Telefone	90
Automóveis de Passeio	35
Automóveis de Carga	05
Agência Postal	04
Mat. Municipal	01
Arrecadação Mun. Est. e Fed. (em contos)	204:561

Fonte: SENNA, N (1922) *apud* BRANDÃO (1989)

Nesse período, em que o Brasil passava pela Primeira República, é importante considerar o processo de urbanização pelo qual São Paulo passou, em parte graças ao grande número de imigrantes que chegaram à cidade, se desvinculando das atividades agrícolas e investindo nas pequenas fábricas.

São Paulo, que em 1890 era a quinta cidade brasileira em população, chegava assim no início do Século XX a ser a segunda mais populosa. (FAUSTO, 2007)

O Brasil passava por um crescimento industrial nas primeiras décadas do Século XX, pois os capitais obtidos da agricultura vinham tornando possível um investimento na expansão das indústrias, sendo que “os principais ramos industriais da época foram o têxtil em primeiro lugar e a seguir a alimentação, incluindo bebidas e o vestuário.” Porém, como aponta Fausto (2007) “Apesar desse relativo avanço na produção industrial, havia profunda carência de uma indústria de base (cimento, ferro, aço, máquinas e equipamentos). Desse modo, grande parte do surto industrial dependia de importações.” (FAUSTO, 2007, p.288)

A respeito da situação econômica da Primeira República, Fausto (2007, p.288) mostra que:

É comum a referência à Primeira Guerra Mundial como um período de incentivo às indústrias, dada a interrupção da concorrência de produtos importados. Mas a década de 20 foi pelo menos tão significativa quanto os anos de guerra, pois nela começaram a aparecer tentativas de superar os limites de expansão industrial. Incentivadas pelo governo, surgiram duas empresas importantes: em Minas Gerais, a Siderurgica Belgo-Mineira, que começou a produzir em 1924; em São Paulo, a Companhia de Cimento Portland, cuja produção foi iniciada em 1926. Ao mesmo tempo, a partir da experiência e dos lucros acumulados durante Primeira Guerra, pequenas oficinas de conserto foram se transformando em indústrias de máquinas e equipamentos.

Uberlândia acompanhava a economia nacional principalmente com a indústria de charque, na época o “ramo industrial que mais se destacava em termos de produção e arrecadação” (SOARES, 1988, p.30)

No início desse processo as indústrias estabeleceram os locais mais favoráveis para sua instalação, que eram normalmente próximo às saídas da cidade, para facilitar o escoamento de seus produtos. Assim, “Elas criaram novas áreas, dotando-as de infraestrutura, geraram empregos e ampliaram a malha urbana de Uberlândia” (SOARES, 1988, p.30)

Essa questão é importante ressaltar, pois mostra como inicialmente a indústria influenciou a urbanização em áreas antes desocupadas, pois criam locais de moradia interessantes para a classe trabalhadora dessas indústrias, para morar próximo ao trabalho, espaços estes que são aproveitados pelas empresas imobiliárias.

Outro ponto importante é que para se levar energia elétrica, saneamento básico, e outras exigências para a indústria, é necessário acessar essa infra-estrutura há outros bairros, criando dessa forma no seu entorno uma área com os elementos necessários para atrair a expansão urbana.

Esse processo de urbanização criado para atender as exigências do desenvolvimento econômico é responsável por estabelecer deficiências nas condições de vida para as classes sociais mais pobres, um problema de diversas regiões brasileiras, como aponta Santos (1993, p.95):

a urbanização corporativa, isto é, empreendida sob o comando dos interesses das grandes firmas, constitui um receptáculo das conseqüências de uma expansão capitalista devorante dos recursos públicos, uma vez que estes são orientados para os investimentos econômicos, em detrimento dos gastos sociais.

No caso de Uberlândia, à medida que a estrutura urbana não acompanhava o crescimento populacional, ocorria um déficit habitacional, prejudicial principalmente para a classe trabalhadora. A respeito desse assunto Soares (1988, p.32), mostra que algumas indústrias tentaram contornar o problema, pois:

as charqueadas, a companhia Mogiana e a fábrica de tecidos construíram casas para serem alugadas a seus operários, que, do ponto de vista deles, serviam para proteger suas empresas, além de fixar a mão de obra especializada, escassa na cidade.

Outro caso apontado por Soares (1988, p.33), a respeito de como a indústria foi responsável direta pela urbanização da cidade foi a construção de uma Fábrica de Tecidos na região responsável por fazer

com que muitas famílias passassem a morar em suas proximidades, originando um bairro, denominado Vila Operária, que, em 1930, não tinha água, esgoto e luz elétrica. Suas casa em números de 50 aproximadamente, tinham características rudimentares e eram construídas em fileiras iguais.

Pode-se, portanto observar que a industrialização em Uberlândia, gerou uma segregação sócio-espacial na cidade em que “o processo de ocupação dos subúrbios acompanhou principalmente a localização das indústrias e a estação ferroviária” (SOARES, 1988, p.33)

Parte do processo de industrialização e urbanização já pode ser analisada nesse primeiro momento, mas ainda muito pouco aconteceu em relação com o que viria a acontecer após a década de 1930. O Brasil em 1920 apresentava 10,7 % de população urbana e apenas caminhava nessa questão da industrialização. Uberlândia não seguia diferente, sua indústria ainda começava a conquistar mercados, sua população urbana chegava a apenas 15.300

habitantes em 1928 (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA, 1985 *apud* SOARES, 1988).

A atividade industrial já estava começando a induzir o espaço urbano, porém esse processo se intensifica nos anos seguintes, especialmente quando o Brasil entra em sua segunda fase da industrialização.

### **O crescimento industrial brasileiro durante o Estado Novo e a industrialização em Uberlândia**

Embora já existirem algumas indústrias espalhadas pelo território brasileiro antes da década de 1930, mesmo em Uberlândia já havia alguns pequenos estabelecimentos, é a partir desse período que o governo e as elites econômicas passam a se interessar mais em investir na industrialização do país. Como demonstra Pereira (1998, p.41):

Apesar de tudo, (...), a Revolução Industrial ocorreu no Brasil, principalmente a partir de 1930. A industrialização ocorrida anteriormente teve sua importância, mas foi marginal, não apenas porque o seu grau de integração inter-industrial era muito pequeno, mas também porque o domínio político estava inteiramente nas mãos da oligarquia cafeeira.

Nessa época houve uma intensificação no modelo de substituição de importações, que já havia sido adotado para atender a demanda interna no momento da Primeira Guerra Mundial, no entanto dessa vez o modelo foi utilizado por motivos diferentes, responsáveis também por incentivar uma evolução política, que iria transformar a situação da indústria no país. Essa nova dinâmica surgiu, de forma mais geral, devido

a crise por que passava o sistema capitalista internacional e a decadência política da burguesia mercantil. Dessa forma, era o próprio pacto entre o imperialismo e a oligarquia que entrava em colapso, abrindo espaço para o desenvolvimento do capital industrial. A Revolução de 1930 foi o primeiro capítulo desse processo. (PEREIRA, 1998, p.41)

Dessa forma, com destaque por Santos (1993, p.27), a partir desse momento,

novas condições políticas e organizacionais permitem que a industrialização conheça, de um lado, uma nova impulsão, vinda do poder público e, de outro, comece a permitir que o mercado interno ganhe um papel, que se mostrará crescente, na elaboração, para o País, de uma nova lógica econômica e territorial.

Nesse período a cidade de Uberlândia não se apresentava como um centro econômico significativo, com capacidade de se industrializar de maneira expressiva, sendo assim, subordinada à produção industrial paulista, como se pode notar ao ver a função dessa cidade, que ainda no início dos anos 1930 dependia da

comercialização e a distribuição de mercadorias, (...), era feita a partir dos produtos industrializados provenientes de São Paulo, que chegavam à cidade pela Estrada de Ferro Mogiana. Daí em diante, eram transportados para as outras *praças* por caminhões, em condições muito precárias, uma vez que as estradas eram de péssima qualidade, principalmente nos períodos mais chuvosos, além de existir o entrave natural dos rios e ribeirões. (SOARES, 1995, p.60)

Porém, mesmo com a Revolução de 1930 sendo vista como marco inicial da industrialização brasileira, entre 1930 e 1937 “não houve uma linha clara de incentivo ao setor industrial. O governo equilibrou-se entre os diferentes interesses, inclusive agrários, sendo também bastante sensível às pressões externas”. (FAUSTO, 2007, p.369) Foi apenas a partir de 1937, depois da implantação do Estado Novo que “o Estado embarcou com maior decisão em uma política de substituir importações pela produção interna e de estabelecer uma indústria de base”. (*idem*, p.370)

É importante ressaltar que o principal beneficiado dessa política de industrialização foi o estado de São Paulo, devido principalmente ao “elevado grau de urbanização, produção de bens de capital e de bens intermediários e agricultura dinâmica” (NEGRI, 1996, p.64) foi também o maior beneficiado com os investimentos realizados pelo governo federal na consolidação da atividade industrial no país, como: o desenvolvimento dos meios de transporte, reduzindo os custos e facilitando uma maior integração do mercado; a criação de “conselhos de âmbito nacional como o do Petróleo (1938), de Águas e Energia (1939), de Minas e Metalurgia (1940)”. (*idem*, p.63)

Essas medidas fizeram com que o desenvolvimento da indústria brasileira, e em especial a paulista, não ter como base apenas um “crescimento industrial subordinado à dinâmica cafeeira e sim a lógica da expansão da economia nacional, que tinha em São Paulo seu centro dominante e onde se concentrava os principais resultados da industrialização.” (*ibidem*, p.64)

Dessa maneira, o estado de São Paulo passou a atingir índices de crescimento maior que a média brasileira, favorecendo ao aumento gradativo dessa concentração industrial, “que passa de 32,2% em 1919 para 40,7% em 1939 e 48,9% em 1949”. (NEGRI, 1996, p.64) Essa

situação perdurou durante o início da industrialização pela própria lógica do capitalismo monopolista, dominante na organização da economia brasileira, pois nessa perspectiva o capital tende a monopolizar-se pela “vantagem (e a possibilidade) de escapar às incertezas e aos riscos do mercado.” (PEREIRA, 1997, p.47)

Assim, o município de Uberlândia, devido a sua localização geográfica e ao fato de já exercer a atividade de distribuidor de mercadorias paulistas, utiliza do desenvolvimento e da concentração industrial de São Paulo, para expandir sua economia. Ou seja, como essa cidade mineira passaria a receber uma maior quantidade de recursos, que poderiam possibilitar investimentos para a própria cidade se urbanizar, caberia ao poder municipal organizar o espaço para a industrialização, usando desse momento que a economia brasileira atravessava e a posição da cidade, para dessa forma buscar pelo desenvolvimento econômico.

Devido a esses fatores, a partir desse momento a atividade industrial passa a receber um destaque maior nessa cidade, graças à nova política de incentivo que se estabelecia no Brasil nessa época, como ressalta Soares (1988, p. 35-38):

Ao final da década de 30, a cidade possuía aproximadamente 19.000 habitantes e transformações significativas se apresentavam em sua forma e conteúdo. Esta fase representou para Uberlândia uma época de grandes mudanças, sobretudo ercetadas pela necessidade de se adequar a estrutura urbana às reais necessidades de acumulação e concentração de capital.

Dessa forma, o desenvolvimento econômico vem acompanhado dos processos de urbanização e industrialização que se iniciaram de forma menos expressiva até a década de 1920, mas que viriam a se intensificar a partir de 1940, que é quando a cidade passa a adquirir as principais transformações necessárias para esse novo papel, como uma nova dinâmica industrial

a diversificação do comércio e do setor de serviços, (...), a intensificação do capitalismo no campo e o fortalecimento da malha rodoviária aprofundaram a divisão social do trabalho, materializada no espaço urbano através de uma maior divisão das classes sociais, gerando assim um espaço pleno de contradições e conflitos, acompanhando a própria dinâmica da formação brasileira. (SOARES, 1988, p.39)

Dessa forma, beneficiada pela localização próxima aos mercados consumidores dos Estados de Mato Grosso do Sul e Goiás, a indústria conseguiu um desempenho positivo incentivando o investimento nesse setor. À medida que essa industrialização aumentava, o

poder público passava a investir no espaço com a aquisição de moradia para a classe trabalhadora, asfaltamento das vias públicas, etc. (SOARES, 1988).

Assim, esse é o período que Uberlândia passa se inserir efetivamente no capitalismo industrial brasileiro, e exercer de forma mais acentuada a função que mais tarde lhe seria uma das mais importantes, que é justamente a de estabelecer um elo da produção de São Paulo com outras regiões no interior do Brasil.

Conforme pode-se ver na tabela 2, durante o ano de 1940, Uberlândia contava com um total de 163 indústrias, o que já demonstrava o início da preparação para dar suporte a essa atividade que aumentaria constantemente nos anos seguintes. A população da cidade nesse ano era 42.179 (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE MG – 1982 *apud* SOARES, 1988, p.40) e desse total, 1.443 trabalhavam em estabelecimentos industriais.

A tabela 2 demonstra a quantidade e quais eram os estabelecimentos industriais que a cidade de Uberlândia apresentava no ano de 1940, bem como o número de pessoal ocupado em cada setor:

Tabela 2 – Parque Industrial de Uberlândia em 1940

<b>Espécie</b>	<b>Número de Fábricas</b>	<b>Numero de Operários</b>
Curtumes	03	93
Marcenarias	08	210
Serrarias	03	44
Fábrica carroças	02	14
Metalúrgicas	04	75
Art. Flandres	06	15
Oficinas Mecânicas	10	55
Olarias	09	44
Fábrica de sabão	01	03
Panificações	05	28
Pastificios	04	24
Fábricas de doces	02	62
Máq. Benef. Arroz	08	32
Fáb. Farinha e fubá	03	22
Destilarias	04	25
Fábrica de banha	11	27
Charqueadas	03	137
Sapatarias	18	140
Torrefação de café	08	13
Fáb. Manteiga e queijo	04	18
Alfaiatarias	12	130
Colchoarias	02	05

Marmorarias	03	15
Fábrica Ladrilhos	02	18
Tipografias	09	46
Fábrica de Fósforo	01	36
Moagem de Sal	02	15
Bem. De Algodão	04	49
Fumo em pó	01	01
Bijouterias	02	04
Lab. Prod. Farmac.	01	02
Fab. Sorv. e Gelo	01	15
Tamancaria	05	05
Tanoaria	01	02
Ind. Carnes e conserva	01	19
<b>Total</b>	<b>163</b>	<b>1.443</b>

Fonte: Parque industrial de Uberlândia – 1940. Álbum do Triângulo Mineiro 1940/42 Org. por Orlando Barbosa – Dados oficiais extraídos as “Sinopse Preliminar dos resultados demográficos” – Recensamento de 1940 *apud* SOARES, 1988, p.42

Os setores que predominavam nessa época eram as indústrias de charque, curtumes, as sapatarias, as mercearias e as metalúrgicas que juntas ocupavam aproximadamente 38% da mão-de-obra local. “Estas indústrias intensificaram o desenvolvimento das relações capitalistas de produção, destruindo parte das atividades artesanais, concentrando e especializando determinados ramos industriais” (SOARES, 1988, p.43)

Assim, mesmo no início da industrialização, a cidade já lidava com as conseqüências desse processo, com a entrada de companhias que produziam com o menor custo, ocasionando uma concorrência com os mercadores locais que não conseguiram competir com esse tipo de capital, elevando o desemprego e a desigualdade social na cidade, ou seja, já influenciando a urbanização periférica das pessoas que perderam o seu emprego, ou tiveram que se desfazer de seus estabelecimentos comerciais.

Por outro lado, a atividade industrial também era acompanhada pela urbanização baseada no desenvolvimento capitalista da cidade, como destaca Soares (1988, p.43):

a expansão da economia resultaram diversos melhoramentos na cidade: ajardinamento de praças públicas, calçamento de ruas e avenidas, construção de aeroportos e rodovias interligando Uberlândia a municípios vizinhos, além da reformulação de todo o serviço de abastecimento de água e ampliação da rede de esgoto sanitário. Estes tinham basicamente o objetivo de criar condições para a acumulação e expansão do capital industrial. Concomitantemente, o capital imobiliário incentivou a abertura de loteamentos, incorporando novas áreas ao urbano, aumentando portanto o seu espaço.

Esse tipo de produção do espaço urbano, voltada às exigências do capitalismo industrial, é responsável pela segregação sócio-espacial, onde os mais pobres vão habitar as regiões menos favorecidas pela infra-estrutura básica, enquanto que grandes quantias dos recursos públicos são gastos em atrativos e estruturação da cidade para a indústria. Ou seja, essa situação já no começo de seu desenvolvimento demonstra que de acordo com a forma que o crescimento econômico é atraído ele pode ser mais prejudicial do que satisfatório para a população como um todo.

Isso pode ser visto através de um relato sobre a situação do operariado uberlandense demonstrando a existência de

operários que não tem onde dormir. Existem em Uberlândia aspectos de cidades grandes, onde a miséria é mais freqüente. Rapazes, operários dormindo em terrenos baldios, outros em cubículos que mal os cabem. Famílias acumuladas em ranchos, ao lado de parentes enfermos e, em comum, no mesmo cômodo. (A TRIBUNA DE UBERLÂNDIA, 1940, p.01 *apud* SOARES, 1988, p.44)

Assim, é importante ressaltar que nesse momento passa a surgir uma nova dinâmica de produção espacial que iria caracterizar a formação das cidades brasileiras, a partir dos anos 1940-1950, onde a lógica da industrialização atravessa uma situação diferenciada da que se foi estabelecida até então, a respeito desse período Santos (1993, p.27) afirma que:

O termo industrialização não pode ser tomado aqui, em seu sentido estrito, isto é, como criação de atividades industriais nos lugares, mas em sua ampla significação, como processo social complexo, que tanto inclui a formação de um mercado nacional, quanto os esforços de equipamento do território para torná-lo integrado, como a expansão do consumo em formas diversas, o que impulsiona a vida de relações (leia-se terciarização) e ativa o próprio processo de urbanização. Essa nova base econômica ultrapassa o nível regional, para situar-se na escala do País; por isso a partir daí uma urbanização cada vez mais envolvente e mais presente no território dá-se com o crescimento demográfico sustentado das cidades médias e maiores, incluídas; naturalmente, as capitais de estados.

Isso pode ser percebido na influência da produção do espaço urbano que ocorreu no Brasil nessa época, pois

se o índice de urbanização pouco se alterou entre o fim do período colonial até o final do século 19 e cresceu menos de quatro pontos nos trinta anos entre 1890 e 1920 (passando de 6,8% a 10,7%), foram necessários apenas vinte anos, entre 1920 e 1940 para que essa taxa triplicasse passando a 31,24%. (VILLELA; SUZIGAN, 1973 *apud* SANTOS, 1993, p.22)

O índice de urbanização de Uberlândia durante esse tempo não foi diferente do que ocorreu no resto do Brasil, que pode ser visto no considerável aumento da população urbana que passou de 14.819 em 1927 (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA, 1985 *apud* SOARES, 1988) para 22.616 em 1941 (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA, 1985 *apud* SOARES, 1988). Nos anos seguintes esse número viria quase a dobrar de tamanho, quando no ano de 1950, esse município alcança 36.467 habitantes vivendo nas cidades (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA, 1985 *apud* SOARES, 1988).

Com o aumento esse crescimento demográfico, a cidade precisa se estruturar não só para atender a industrialização, mas também a esses novos habitantes vindos para Uberlândia, muitas vezes, com o intuito de trabalhar na indústria. Essa questão é uma das que justificam os motivos pelo qual os processos de industrialização e urbanização não devem ser abordados separadamente, como processos independentes.

Porém, como foi mostrado anteriormente, as condições desses trabalhadores nesse momento inicial eram bem precárias, isso dificulta o desenvolvimento do capitalismo industrial, que não apenas precisa de operários em boas condições para o trabalho, como também necessita de um mercado consumidor interno que impulse o aumento de indústrias locais e de menor porte, incapazes de competir com estabelecimentos maiores por um mercado mais distante de sua instalação.

Para isso, os poderes municipais tiveram de criar conjuntos habitacionais populares ao longo do município para dar melhores condições de vida a essa população, como demonstra Azevedo (1982 *apud* SOARES, 1988, p. 46):

há quem veja a política de habitação popular como resultado de uma contradição entre frações da burguesia: o capitalismo industrial, interessado na diminuição da reprodução da força de trabalho em contraposição ao capital que se valoriza através do investimento no setor habitacional.

As construções desses conjuntos habitacionais seguiram em Uberlândia uma ordem onde a população mais carente deveria habitar bairros periféricos, em geral distantes do local de trabalho, tendo assim que gastar com sua locomoção, além de estar distante do centro, onde a concorrência no comércio deixa os produtos com um preço mais acessível. Essa lógica de organização foi se estabelecendo nesse princípio do processo de industrialização, e faz parte da entrada da cidade no capitalismo industrial, sendo esse um dos maiores responsáveis pela desigualdade social no Brasil.

### Considerações Finais

Dessa forma, é a análise desses processos que vai permitir um conhecimento mais adequado da organização estabelecida em uma cidade, pois como afirma Santos (1993, p.96, grifo do autor):

um primeiro momento do processo especulativo vem com a extensão da cidade e a implantação diferencial dos serviços coletivos. O capitalismo monopolista agrava a diferenciação quanto à doação de recursos, uma vez que parcelas cada vez maiores da receita pública se dirigem à *cidade econômica* em detrimento da *cidade social*.

Uberlândia teve sua participação no processo de industrialização nessa segunda fase desse processo no país, passando “por um período de pouca expansão entre os anos de 1947 e 1952”. (SOARES, 1988, p.52) Que corresponde aos anos que se seguem à Segunda Guerra Mundial, porém por fatores como: o aumento do processo migratório, responsável por elevar a exército de mão de obra disponível, e pelos investimentos em infra-estrutura, essa cidade retomou o crescimento e se tornava cada vez mais apta a aproveitar-se dos momentos de euforia que iriam ocorrer na economia brasileira.

Essa fase da industrialização brasileira terminou com a nova dinâmica econômica estabelecida com o fim da Segunda Guerra Mundial, quando o “capital estrangeiro iniciou sua penetração maciça na indústria dos países que se desenvolviam...” (SINGER, 1980, p.83). Com a localização do Brasil entre os países do bloco capitalista, o processo de industrialização aumentou significativamente, reforçando o capitalismo industrial neste país, o que viria a ser responsável pelo desenvolvimento de uma nova etapa à economia brasileira.

Nesse contexto, a cidade de Uberlândia, a organização espacial influenciada pela industrialização estabelecida nas duas primeiras fases da economia industrial, fez com que Uberlândia se colocasse a frente de outros municípios da região, fator ao qual, permitiu com que essa cidade pudesse aproveitar mais intensamente os momentos de euforia da economia brasileira que viria principalmente no final da década 1950 com a terceira fase de industrialização e com o processo de desconcentração industrial a partir de 1970.

Dessa forma, essa cidade é o resultado justamente de como os processos de industrialização e urbanização moldaram esse município ao longo de todas as fases de seu desenvolvimento, e embora não se possa cair em um determinismo a ponto de explicar tudo sob o estudo desses processos, pode-se explicar uma significativa parcela da formação do

espaço urbano e compreender assim, como ao longo de sua história Uberlândia foi “modelada” até chegar a ser o município que é.

### **Referências**

BRANDÃO, Carlos Antônio. **Triângulo: capital comercial, geopolítica e agroindustrial**. 1989, 184 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Regional) UFMG, Belo Horizonte, 1989.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e indústria**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed., 2. Reimpr. São Paulo: Edusp, 2007.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

PEREIRA, Luiz C. Bresser. **Economia brasileira: uma introdução crítica**. 3. Ed. 1997. São Paulo: Ed. 34, 1998

OLIVEIRA, Selmane Felipe de. **Crescimento urbano e ideologia burguesa: estudo do desenvolvimento capitalista nas cidades de médio porte: Uberlândia (1959-1985)**. Uberlândia: Rápida Editora, 2002.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SINGER, Paul. **Economia política de urbanização**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. 1988, 290 f.223, Dissertação (Mestrado em geografia humana) USP, São Paulo, 1988.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Uberlândia: Da “Cidade Jardim” ao “Portal do Cerrado” – Imagens e representações no Triângulo Mineiro**. 1995, 290 f. Tese (doutorado em geografia humana) USP, São Paulo, 1995.

SUZIGAN, Wilson. Industrialização na visão de Celso Furtado. In: Luis Carlos Bresser Pereira; José Marcio Rego. (Org.). **A Grande Esperança em Celso Furtado: Ensaios em homenagem aos seus 80 anos**. São Paulo: Editora 34, 2001.

SUZIGAN, Wilson. Política Industrial e desenvolvimento Regional. **Revista Observatório da Indústria**, Paraná, v. 9, p. 34-35, 2005.